

Resenha

CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro, Kliné, 2011.

Pedro Paulo A. Funari

IFCH/Unicamp

André Leonardo Chevitarese tem se dedicado, nos últimos anos, ao estudo renovado da religiosidade no mundo antigo, em particular nos movimentos no interior do judaísmo e do cristianismo, em sua diversidade e variedade. Neste volume, congregam-se estudos em torno de três grandes eixos temáticos: memória, recepção e História e Literatura comparadas. Todos se centram em questões de fundo teórico e metodológico, com estudos de caso que permitem entender bem as considerações epistemológicas centrais colocadas em ação. Logo de início, há uma discussão de amplo espectro sobre o tema da memória, história e narrativa e, a partir de uma literatura sobre o testemunho, mostra-se como o relato da testemunha ocular, mesmo quando ilusória, exerce papel central na formação de reconstruções coletivas sobre eventos. Dessas considerações, parte para o estudo da narrativa evangélica, em um estudo de caso, sobre um episódio após a crucificação de Jesus (Lc 23 e 24). Com isso, conseguiu mostrar como o desastre da crucificação e morte de Jesus, uma experiência compartilhada, e as conversas que gravitavam em torno dele podiam influenciar as memórias dos agentes sociais envolvidos.

O tema da memória continua no relato da ressurreição de Jesus em Paulo. Conviviam diversas visões sobre o tema, nas primeiras décadas após a crucificação

de Jesus, uns preocupados com partida e retorno, outros com morte e ressurreição, estas últimas resultantes da ação de cristãos letrados e sofisticados que analisaram as escrituras judaicas a fim de encontrar citações que justificassem o sofrimento, morte e vida eterna. O tema da religiosidade popular na formação das narrativas cristãs aparece em ensaio sobre a historicização do sacrifício de Isaac, resultante da inter-relação entre estudiosos e crentes comuns, tanto de extração judaica como helênica. A leitura iconográfica releva que as narrativas do sacrifício de Isaac se relacionavam mais com as tradições judaicas tardias, do que com a fonte original da historieta, no Gênesis.

O uso do modelo iconográfico da mãe com o filho por parte dos primeiros seguidores de Jesus mostra como o elemento comum às narrativas de diversas mulheres judias do Antigo Testamento e Maria estava na prostituição, acusação externa ao movimento cristão, mas bem conhecida pelos seguidores de Jesus e que deviam ser combatidas pela retomada de diversas personagens de alguma forma associadas à prostituição, como Tamar, Rahab, Rute e Betsabéia, na linhagem de Jesus. Em seguida, Chevitarese, volta-se para o dom das línguas, glossolalia, fala em idioma incompreensível para os comuns, diferente de qualquer expressão natural, resultado de êxtase ou transe, algo que não era desconhecido, ademais, da própria religiosidade helênica (cf. Platão, Timeu 71e).

A História comparada das literaturas antigas merece atenção especial. A grande inspiração de Chevitarese, nesse aspecto, está em destacar como as historietas ao serem lidas ou ouvidas faziam disparar gatilhos mentais que acabavam por determinar um sentido específico no leitor ou ouvinte. O exemplo da analogia entre o coletivo humano – como a cidade ou a igreja – e o indivíduo e as partes do corpo é notável, nesse aspecto. Essa metáfora aparece em Dionísio de

Halicarnaso (AR 6.86: 1-2. 4-5), Tito Lívio (2,32:8-12), Esopo, Xenofonte (Anábase 5.6:32), assim como em Paulo (1Cor 12:12-27). O coletivo depende, sempre, das partes que se dividem entre as que obedecem e as que comandam. Outro caso, na mesma linha, se refere à metáfora do pobre que não tem onde dormir, enquanto até os animais têm morada, na boca de Jesus (Lc 9:58; Mt 8:20), presente em Plutarco, na vida de Tibério Graco (9.5:2-6). Essas e outras narrativas, mais do que históricas, representam esquemas argumentativos que ativam nos ouvintes ressonâncias profundas e milenares. As bases helenísticas do capítulo 12 do Apocalipse relacionam a serpente a percepções apotropaicas helênicas e judaicas. A epístola a Filemon permite esboçar uma intersecção entre Cícero e Paulo, a respeito da posse de escravos.

O livro de Chevitarese demonstra a vitalidade de uma abordagem metodológica dos cristianismos, no plural, como faz questão de ressaltar o estudioso. Alia uma erudição incomum em áreas no geral distantes – o mundo clássico, a tradição judaica e os movimentos cristãos primitivos – a uma percepção rara da necessária atenção à metodologia. Cada estudo constitui uma pequena jóia, lapidada pela fina percepção das nuances de textos e imagens, outro grande mérito da perspicácia de Chevitarese ao saber aliar a tradição textual ao estudo da cultura material. Mescla, a um só tempo, a preocupação histórica e antropológica, com a sensibilidade psicológica e artística, sempre visando à melhor compreensão da religiosidade do Mediterrâneo antigo. Este volume contribui, de forma significativa, para uma visão mais ampla e variada das expressões culturais antigas.